



THEATRO NORMAL

Cercada d'uma penumbra mysteriosa e impenetravel, a grande comissão do theatro de D. Maria II, cogita nos meios de fazer a reforma do theatro, sem augmentar, n'um ceutil, a despesa. A comissão tem pensado no grave problema, tem fallado n'isso ás pessoas conhecidas, tem evocado a sombra do sr. bispo de Vizeu, tem sonhado com o theatro de graça e com artistas por obsequio. Tudo porem a que ella phantasia á noite, desfaz-se como uma nevoa ao amanhecer e vice versa. De modo que a comissão desesperada acaba de se lançar nos braços do sr. Teixeira de Vasconcellos pedindo-lhe que aproveite a sua proxima viagem ao estrangeiro não só para estudar as penitenciarías, mas tambem para ver se encontra o x do problema que a preocupa, uma espada de Alexandre para o nó gordio que tem diante de si.

O governo, contudo, cheio de amor paternal, mostra a sua sollicitude pelo paiz e pela arte, nomeiando aquella comissão, por obsequio, a fim de que dê uma soluçáo, satisfactoria, sem augmentar a despesa!

A comissão é digna de todo o elogio pelo modo como tem procurado realizar os desejos do gabinete, conferenciando entre si, ás quintas-feiras, no passeio publico, e nos intervallos dos espectaculos em beneficio de Antonio Pedro e Cohen. De modo que todos os portuguezes estão contentissimos porque a proxima decisáo theatral do grupo nomeado, tem todos os visos de fazer subir o theatro tanto como os fundos, e de diminuir as despesas tanto como o sr. bispo de Vizeu.

Ha entretanto alguns cavalheiros na comissáo, descrentes por indole, positivos por experiencia, aos quaes tudo se affigura duvidoso, desde a soluçáo do problema, até á sua efficacia. Esses, são os que não querem as subtilesas theologicas, as mystificações pomposas e que não desejam que se tome pela soluçáo referida, as portarias palavrosas, inuteis e esteries, com que o sr. ministro do reino ha de determinar que a arte suba em Portugal ao maior grau de esplendor. Para esses a questáo ficará na mesma, não sendo riscada a clausula das despesas.

Exactamente como se a um individuo qualquer dissessem: se quizer morar n'esta casa tenha a bondade de a pôr com um certo luxo, de enriquecer a bibliotheca com bons livros, de nos dar conforto á alma e ao corpo, mas faça tudo isso sem saccar sobre nós quaesquer letras de cambio.

O theatro esse conserva-se resignado como sempre. Comtudo depois que foi nomeada a comissáo, parece que se acha tomado de um certo terror. Algumas hervas que lhe cresciam entre os intentios das telhas, com os ultimos calores, teem-se resequido, dando-lhe um ar de reu intimidado — com os cabellos em pé.

Será um persentimento?



ECCOS

Teremos em breve a inauguraçáo dos recreios Whitoyne. Os pittorescos chalets erguem-se de entre os macissos do arvoredo, com as suas cores irriquietas, os seus frisos rendilhados, as suas flechas agudas: uma paisagem de panno de fundo, na Trindade!





D'esta vez porém não teremos uma illusão optica. S. Thomé poderá ver e apalpar aquellas construcções, se quizer, na amavel companhia do sr. engenheiro da camara.

Os recreios vão ser submettidos a provas publicas, como os bachareis formados. Estamos certos de que o socego das familias não será alterado e que os peritos não dirão que os recreios Whitoyne são um castello no ar.

Venha a nós, quanto antes essa Suissa improvisada no coração da cidade.



Apontando para os recreios de Whitoyne disse um individuo:

—Apesar d'este phantasio e optimo castello que alli se vê, o proprietario do terreno continuará sendo sempre o marquez de Castello melhor.



A *Discussão* parece querer entrar comnosco nas regiões do idillyo. Antes assim. Corramos um veu impenetravel sobre o seu titulo e não mais melindremos o pudor das familias.

Quando a lermos já não diremos com Palmeirim:

Eil-a erguida no topo da serra  
Recostada no seu arcabuz;  
De pequena creada na guerra  
Não conhece, não ama outra luz.



Afirmam-nos que o jornal do sr. Freitas de Oliveira já se não denomina *Figaro*.

Depois do seu apparecimento diremos o que esta modificação nos suggere.



Delicioso! Delicioso!  
O sr. Catão Simões, affirmou, n'uma das suas poesias que Gallileu tinha morrido na bastilha.

Nós rectificamos o equivoco e dissemos que toda a gente sabia que elle tinha morrido no Limociro.

A *Discussão* apparece censurando-nos por que nós em vez de lançamos a ironia sobre o gallicismo *bastilha*, cahimos na leviandade de confundir bastilha em geral, com Bastilha em particular. De resto concorda com o Bisturi, n'este facto capital: Gallileu ter morrido na bastilha.

O que nós podemos desde afirmar á folha do sr. Vaz Preto, é que Gallileu morreu em Arceti. Ora Arceti segundo nos consta é o seguinte:

«Collina proxima do Florença afamada pelo bom vinho branco que produz. Foi aqui que Gallileu fixou a sua residencia depois da sua condemnação e aonde morreu em 8 de janeiro de 1642. A *pequena casa* em que elle habitou durante 10 annos ainda existe. Vê se ali o seu quarto forrado com uma especie de couro commum, guarnecido de assentos modestos, bem como o terraço aonde elle passeava largas horas.»

Quem dera á *Discussão* e ao Bisturi uma bastilha assim!



A *Tribuna*, folha semanal que se publica em Lisboa, collaborada pelo sr. Latino Coelho e outros escriptores distinctos, acaba de fazer a seguinte revelação ao paiz:

«O sr. ministro das obras publicas, na vespera de S. Pedro, queimou um busca-pés, na tapada de Queluz. Alem d'isso os principes, gentis creanças que estão na idade das doidas folias, costumam jogar o pião com o nobre ministro montando-se-lhes no espinhaço e enfeitando-lhe o pescoço com um colar... de guizos.»

Se asta ultima parte da noticia é exacta o sr. Cardoso Avelino não deve denominar-se, como dizem as folias affectas á situação, um ministro diligente; deve antes chamar-se um ministro de *deligencias*.



Tragica lição dada por um cabo de policia de Lisboa, a Dumas Filho.

Conhecendo esta auctoridade que sua mulher o atraioava, prendeu-a e mandou-a ao governo civil afim de que nos registos policiaes o nome d'ella figurasse entre o das toleradas.

A policia executou os desejos do marido, e hoje a adultera occupa o logar a que, pelo seu procedimento, tinha um direito incontestavel.

Eis ali um grande drama! Não arma ao effeito, não está cheio de declamações, não tem phrases. Ninguem pensará n'elle um momento! Passará desapercebido mesmo para aquellos que tiverem mais furor pelo *Mr. Alphonse*, e que não podem passar um instante sem a virtude premiada — em scena, e o vicio castigado — á luz da rampa.



Lê-se no *Jornal de Coimbra*:

«Um estudante d'esta universidade e que, segundo nos dizem, está ou esteve matriculado em uma cadeira das sciencias naturaes, tinha um irmão parcho de uma freguezia, parcho que empregava todos os esforços para chamar a si a boa opinião dos seus freguezes.

Conhecendo que as suas ovelhas eram naturalmente religiosas, fazia preces ao Altissimo *ad petendam pluviam*, se porventura havia necessidade d'agua.

O nosso parcho, porém, era infeliz e quasi unca Deus o ouvia quando elle orava ao Supremo dispensador de todas as graças.

Escreveu, queixando-se, ao seu irmão de Coimbra e do qual obteve como resposta, que elle (estudante) se encarregava do negocio, e que por isso só fizesse *preces* quando elle o avisasse.

Effectivamente o estudante ia ver o barometro, e sempre que este lhe dava signaes de proxima chuva, escrevia ao irmão e dizia: começa hoje as preces, e o irmão seguia os seus conselhos.

D'ali em diante era o parcho muito mais respeitado pelos freguezes, pois que todas as vezes que fazia preces caia agua em abundancia!

E digam lá que a sciencia não auxilia a re-

ligião ou que estas duas idéas se repellem mutuamente.»

Este caso não é novo. Ha talvez dois annos publicou o *Diario da Tarde* uma serie de artigos, relatando a historia d'um cura que tinha o segredo, de dar chuva aos seus freguezes quando queria. Na igreja havia um santo muito milagroso, e quando as chuvas se demoravam, fazia-se uma procissão de penitencia. Era sabido. Em o Santo sabindo fóra da igreja a procissão recolhia n'uma sôpa.

Moralidade: o padre sabia alguma cousa de physica.

É hoje um dos archanjos mais conceituados que existem na terra.

O catholicismo bem podia fazer uma coisa: dar a todos os sub-diaconos, alem das ordens — um barometro.



Acabamos agora n'este instante de mandar o ultimo numero da *Discussão* para a Italia. Queremos que o sr. Paulo Ferrari nos confirme algumas datas, escrevendo á margem do jornal a hora, o dia e o anno, em que se publicou o drama *Causas e effeitos*.

Estimamos concorrer assim para o successo do novo jornal, dando maior latitude ao seguinte dialogo, que narrámos ha dias:

—A *Discussão* ha de ir longe!

—Com toda a certeza! Até já vae para a Covilhã.



No folhetim do *Jornal de Lisboa*, de hontem diz o sr. visconde de Benalcanfor:

«Quem espera que o poetico Guadalquivir, que só nos deve fallar de sultanas bellas, de califas loucos de amor, de aventuras mysteriosas de serralho, de paixões abafadas no peito dos infelizes ennuchos, de colloquios ternos murmurados na espessura dos laranjaes pela calada da noite, quando da varanda das mesquitas não pode erguer-se a voz importuna do *muezzin* a convidar os fieis ás oblações sagradas; quem espera que um rio essencialmente romanesco se contorça turvo, amarellado, entre apertadas courellas de terra, esmaltadas de varias salladas e a pompearem os variados legumes e temperos da cosinha burgueza, desde a salsa e os ceontros até o feijão carrapato e as beldroegas?»

Suprema revelação! Nunca a prosa contemporanea se apresentou ao nosso espirito com um aspecto tão duro e tão cruel! Pois que! Até as margens do Guadalquivir se deixaram contaminar pelas nefandas doutrinas do seculo! Aquellas doces paisagens que só deviam produzir queixumes e suspiros, estão hoje reduzidas ao inglorio mister de só produzirem repollo? Nem uma *flôr d'alma*, nem uma folha do D. Jayme, nem uma vergontea do *Noivado do sepulchro*?! Apenas a tremenda realidade das hortaliças?

O santa, ó doce poesia das velhas Hespanhas! É certo, em fim que foste vencida pelos legumes?!



## CHRONICA DAS RUAS, por Manuel de Macedo



— Antão tu já nãa fállas ó aquelli... que mette os pés p'a dentro?...  
 — Tu visto! dei-le p'a traz — ia deitando as mãosinhas de fóra!..



Todos os jornaes republicanos em França, tem aberto subscrições para acudir aos departamentos, aonde se deu a grande calamidade. O *Rappel* traz toda a primeira e segunda pagina cheia de nomes, montando a somma a perto de 50:000 francos.

O *Figaro* e o *Français*, dois jornaes imperialistas não só ficaram indifferentes, mas entretem-se em analysar os nomes dos individuos que tem assignado, e em fazer *calenbourgs* a proposito.

Aconteceu que na subscrição havia uma verba enviada por uma casa, que o *Figaro* di-

zia não saber como mencionar. A este respeito ria muito.

O *Rappel* respondeu-lhe que nada sabia; mas que no caso de ser verdade, uma cousa ficava averiguada: era que o *Figaro* e o *Français* pareciam conhecer, como as suas mãos, a casa de que fallavam.

O *Commercio do Porto* transcreve de um jornal estrangeiro o seguinte:

O celebre actor Lekman, foi um dia surpreendido quando caçava nas terras de um grande senhor.

O guarda aproximou-se e perguntou-lhe quem o auctorisava a pisar aquelle terreno, e com que direito caçava ali.

— Lekman tomou uma attitude grave, imponente, theatral e respondeu:

— Com o direito que um espirito vasto e uma intelligencia robusta e admiravel tem sobre o espirito rude, pequeno e rachitico.

O guarda ficou confuso e estupefacto sem comprehender uma unica palavra e retirou-se murmurando:

— Ah! isso é diferente! queira perdoar...

## EXPEDIENTE

Pedimos desculpa aos nossos assignontes, das irregularidades que tem havido na remessa do nosso jornal. Tendo augmentado repentinamente o expediente, não tem sido possível regularisal-o com a brevidade que desejavamos.

De segunda feira em diante a *Lanterna Mágica* publicar-se-ha de manhã.



# SECÇÃO DE ANNUNCIOS

## ESPECIALIDADE DE CHAPEUS E CONFECÇÕES PARA SENHORAS E CRIANÇAS

**CHAPEUS** de todas as qualidades e feitos pelos **ultimos modelos de Paris**, grande e variado sortimento para **senhoras e crianças**, de **2:000 a 10:000 réis**.  
Arranjam-se todos os **chapeus antigos á moda**. Ha todos os preparos precisos para chapeus de qualquer qualidade e enfeites para vestidos.

### ATELIER DE COSTURA

Fazem-se **vestidos**, casacos, capas, fatos de **criança e enxovaes** completos para **noivas**, á vista dos **ultimos figurinos**, tudo muito barato, com **perfeição, brevidade e o mais apurado bom gosto**.

Recebe-se toda a qualidade de encomendas de todo o reino, das ilhas e de todas as terras do Brazil, satisfazendo-se de prompto, e tratando-se dos despachos.

61, TRAVESSA DE SANTA JUSTA, 1.º

(Segunda escada vindo da rua Augusta para a rua da Prata)

LISBOA

## MACHINAS DE COSER

As verdadeiras americanas da companhia fabril

### SINGER

PARA FAMILIAS E INDUSTRIAES

O mais antigo estabelecimento d'este genero em Portugal

184, 1.º, RUA DA PRATA, 1.º, 184

As unicas machinas que se vendem a prazos de 5, 10 e 20 mezes, de forma que qualquer pessoa, mesmo as mais pobres, poderão comprar a melhor machina que se conhece, satisfazendo a sua importancia em prestações de

2:000 RÉIS MENSAES

As unicas que fazem toda a classe de costura, a saber: embainhar, bordar a trancinha, franzir, metter cordões, guarnecer, bordar a fio de seda, debruvar, fazer pregas, estofar, tudo a dois pespontos e sem alinhavar

AS VERDADEIRAS MACHINAS DA COMPANHIA FABRIL

### SINGER

levam a marca da fabrica, e só essas se devem preferir, a fim de evitar o engano de comprar uma d'essas insignificantes imitações que são offerecidas ao publico debaixo da mentirosa denominação de **Singer aperfeiçoadas**.

Unico agente em Lisboa

A. J. DE FIGUEIREDO

184, 1.º - RUA DA PRATA - 184, 1.º

DA REORGANISAÇÃO SOCIAL

-aos TRABALHADORES E PROPRIETARIOS

por

JOÃO BONANÇA

VENDE-SE em todas as livrarias de Lisboa.

VINHO DO PORTO

10:000 garrafas, 1.ª qualidade

RUA DO ALECRIM, 23, A

DEPOSITO DE TABACOS

da

FABRICA BOA FÉ, PORTO

Magnifico sortimento de charutos, cigarros e rapé

Rua Augusta, 178, Lisboa

TINTURA INGLEZA

de

HOERRUNGS & C.ª

Torna rapidamente os cabellos brancos da cabeça, barbas, suissas, e bigode á sua antiga cor.

Não contém *Nitrato de prata* nem substancia alguma nociva á saude. Não é necessario lavar antes nem depois, o seu resultado é infalivel em tres dias. Preço 500 réis.

Applica-se com uma escova uma a duas vezes por dia, em tres dias o cabelo toma a cor desejada, depois basta usar uma a duas vezes por mez.

Para evitar as falsificações deve exigir-se a nossa marca de fabrica e firma nos rotulos que acompanham os frascos e caixas.

Unico deposito, Praça de D. Pedro, Lisboa

A LANTERNA MAGICA, folha diaria

CONDICÇÕES DA ASSIGNATURA

Lisboa, por mez.....	§400 réis	Avulso.....	§020 réis
Provincias, idem.....	§530 »		

Toda a correspondencia á rua do Príncipe, 23, 1.º — Lisboa.

Typ. de Christovão Augusto Rodrigues, rua do Norte, 145.